

Mudar para sobreviver

O Encontro de Havana sobre a dívida externa, que Fidel Castro promoveu entre os dias 30 de julho e 3 de agosto, foi a mais importante reunião do gênero que se realizou na América Latina nos últimos tempos, impressionando aos jornalistas que lá estiveram para fazer a cobertura do evento pela quantidade e representatividade das personalidades presentes, principalmente dos mais de 100 ex-presidentes, ex-primeiros-ministros e ministros de diferentes países desta parte do continente americano.

Lá estavam entre outros, os ex-presidentes Lopes Michelsen, da Colômbia, Wolfgang Larrazabal, da Venezuela, Guevara Arce, da Bolívia, o ex-primeiro-ministro do regime militar peruano general Mercado Jarrin e uma infinidade de importantes estadistas da América Latina, além de mais de um milhar de líderes políticos que iam da direita para a extrema esquerda. Estabeleceu-se na reunião um consenso quanto à absoluta impossibilidade de os países devedores da América Latina pagarem os débitos astronômicos que assumiram por força da generosidade com que o sistema bancário internacional lhes oferecia empréstimos.

Nenhum dos participantes — e entre eles também estavam prestigiosos economistas, do Brasil e de outros países — aceita a tese de que os bancos credores não podem aceitar uma mudança nos procedimentos clássicos de negociação. O economista brasileiro Luís Gonzaga Beluzzo, lá presente, alguém que não pode ser acusado de comunista, hoje um dos principais assessores do PMDB, acha que a dívida terá que ser tratada de forma política e não técnica. Conclusão geral: o sistema econômico-financeiro terá que ser radicalmente reformulado, dando-se atenção a uma mudança no sistema de trocas comerciais para melhor regular as relações entre os países ricos e os países pobres.

A delegação brasileira compunha-se de mais de 60 personalidades de diferentes posições ideológicas. O próprio Fidel Castro, na abertura dos trabalhos, saudou essa pluralidade ideológica, ele que procura romper o isolamento político a que foi condenado pela agressiva política externa norte-americana, reunindo pela primeira vez em Havana, nos últimos anos, políticos de tendências moderadas para discutir o mais grave problema que enfrentam não apenas os países devedores do Terceiro Mundo, mas o próprio sistema financeiro internacional.

A delegação brasileira foi a primeira a encontrar um caminho comum. Por unanimidade aprovou documento que representa um consenso entre as várias facções ideológicas em relação ao problema da dívida externa. Evitou-se defender a suspensão do pagamento, numa posição de equilíbrio, para condenar a usura do sistema financeiro internacional e pregar a necessidade de se adotarem procedimentos políticos e não técnicos nas negociações.

Os economistas do PMDB propuseram uma moratória negociada e o pagamento da dívida em 20 anos, desde que o sistema concorde em discutir os juros e o bolo do principal. O próprio Partido Comunista, o Partidão, defendeu a fórmula proposta pelos especialistas do PMDB.

O Encontro de Havana mostrou que o sistema econômico-financeiro do mundo está obsoleto em face das transformações que este próprio mundo experimentou nos últimos tempos. Está defasado o sistema financeiro, está defasado o sistema de trocas que só favorece às economias centrais, condenando os países da periferia à recessão, à fome e ao desemprego.

O governo do presidente Reagan ainda não comprehende que não haverá solução para o problema da dívida contraída pelos países do Terceiro Mundo com o mundo rico sem que este sistema sofra profundas transformações. Ignorar esta realidade é um crime, mais do que um erro, como já teve oportunidade de advertir alguém insuspeito como o ex-secretário de Estado norte-americano Henry Kissinger, que ninguém pode acusar de simpatias com Fidel Castro.

TARCISIO HOLANDA